

ESTUDOS DE ÓCIO E LEISURE STUDIES – O ATUAL DEBATE FILOSÓFICO, POLÍTICO E CULTURAL

Maria Manuel Baptista¹

Universidade de Aveiro
Aveiro, Portugal

RESUMO: O presente estudo procura analisar, e contrapor, os diferentes modos de desenvolvimento dos Estudos de Ócio (de origem ibero-americana) e dos Leisure Studies (de criação e inserção essencialmente anglosaxónica). Seguindo o trabalho seminal de Doistua (2006), debateremos as principais diferenças e semelhanças, quer conceptuais quer epistemológicas e metodológicas, entre ambos os paradigmas científicos, tal como se constituíram desde os finais do século XIX até hoje. No final deste estudo, problematizaremos, na linha de Inchaurreaga (2012), o conceito de ócio/lazer, em articulação com o conceito de trabalho, à luz de uma razão débil em contraponto com uma razão forte, tal como Vattimo a conceptualizou. Como resultado deste percurso, é nosso objetivo introduzir no debate sobre os estudos de ócio/lazer uma dimensão política, que nos parece ser absolutamente essencial para o aprofundamento desta temática tal como ela se apresenta na pós-modernidade, mas que tem vindo a estar ausente nas investigações e reflexões sobre esta área do conhecimento.

Palavras-chave: Lazer. Ócio. Trabalho. Política. Pós-modernidade.

STUDIES OF LEISURE AND LEISURE STUDIES – THE CURRENT PHILOSOPHICAL DEBATE, POLITICAL AND CULTURAL

ABSTRACT: This study seeks to analyze and counteract the different modes of development of Ócio Studies (of Latin American origin) and Leisure Studies (from an essentially Anglo-Saxon background). Following the seminal work of Doistua (2006), we will discuss the main differences and similarities, whether conceptual or epistemological and methodological, among both scientific paradigms, as constituted since the late nineteenth century until today. At the end of this study, we question, in line with Inchaurreaga (2012), the concept of leisure / recreation, in conjunction with the concept of work in the light of a weak reason as opposed to a strong reason as it is conceptualized by Vattimo. As a result of this journey, it is our goal to introduce the debate on leisure / ócio studies a political dimension, which seems to be absolutely essential for the further development of this theme as it appears in postmodernity, but that has been till now almost absent in investigations and reflections on this area of knowledge.

Keywords: Ócio. Leisure. Work. Politics. Postmodernity.

¹ Docente e investigadora do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e do CLLC (mbaptista@ua.pt)

ESTUDIOS DE OCIO Y TIEMPO LIBRE ESTUDIOS – EL ACTUAL DEBATE FILOSÓFICO, POLÍTICO Y CULTURAL

RESUMEN: En este estudio se pretende analizar y contrarrestar los diferentes modos de desarrollo de Estudios de Ocio (de origen latinoamericano) y Estudios de Leisure (creación e inserción esencialmente anglosajones). Tras el trabajo seminal de Doistua (2006), vamos a discutir las principales diferencias y similitudes, ya sea conceptual o epistemológica y metodológica entre ambos paradigmas científicos, en su composición desde finales del siglo XIX hasta la actualidad. Al final de este estudio, interrogamos, en línea con Inchaurreaga (2012), el concepto de ocio / leisure, junto con el concepto de trabajo a la luz de una razón débil en comparación con una razón fuerte, tal como conceptualizada por Vattimo. Como resultado de este viaje, es nuestro objetivo introducir en el debate sobre los estudios de ocio / leisure una dimensión política, que nos parece ser absolutamente esencial para el futuro desarrollo de este tema tal como aparece en la posmodernidad, aunque haya estado ausente hasta ahora en las investigaciones y reflexiones sobre esta área del conocimiento.

Palabras-clave: Ocio. Leisure. Trabajo. Política. Posmodernidad.

Lazer e trabalho: dois conceitos interdependentes

O trabalho foi sempre objeto de uma maior atenção do que o lazer, este considerado como o tempo que resta quando a atividade produtiva cessa. Assim, e retirando como exceção a cultura Grega, para quem o ócio estava destinado à aristocracia, fazendo parte da cidadania, a razão ocidental dedicou-se a promover o trabalho como um valor indiscutível, desvalorizando o outro tempo que se lhe opõe: o tempo do lazer.

O próprio conceito de identidade foi invadido pelo modo como o tempo de cada um é usado em trabalho produtivo e não pelo modo como descansa, se diverte ou ocupa os seus momentos de não-trabalho.

Mas a verdade é que se queremos compreender verdadeiramente a natureza do trabalho e do lazer nas sociedades contemporâneas não podemos deixar de olhar estes dois conceitos em conjunto, pois eles dizem respeito ao modo como usamos o tempo de que dispomos. Do equilíbrio (ou desequilíbrio) entre um e outro uso do tempo depende a qualidade das nossas vidas e até a nossa identidade individual e coletiva.

Podemos mesmo ir um pouco mais longe, dizendo que hoje temos maior consciência de que essa distribuição tem um caráter político: as sociedades contemporâneas ocidentais têm uma relação que poderia quase dizer-se esquizofrênica com o tempo, pois uma boa parte da população trabalha demasiado tempo, enquanto uma outra parte parece entediar-se sem conseguir ocupar o seu tempo, que é frequentemente visto como sendo de não-trabalho e não de lazer (pensamos aqui em particular nos desempregados, nos idosos ou noutros grupos sociais descapacitados). Quer dizer, enquanto uma boa parte da população se queixa de falta de tempo para si por excesso de

trabalho, outra parte vive vidas entediadas e depressivas por não saber o que fazer com tanto tempo que afinal não é de liberdade nem de lazer, mas um escorrer da vida, monótono e sem sentido.

Aquilo que aqui estamos a sugerir, na linha de Gorz (2013), é que nas sociedades pós-industriais e hipertecnológicas em que vivemos, uma organização social e política que olhe o direito ao lazer como um direito tão fundamental como o direito ao trabalho encontraria equilíbrios mais sustentáveis a longo prazo, desde logo um equilíbrio ambiental e ecológico, mas também económico:

Restringindo a esfera da economia de mercado seria possível uma arbitragem permanente entre trabalho remunerado e atividades sem fim monetário, entre nível de consumo e grau de autonomia, entre «ter» e «ser». Deste equilíbrio poderia nascer, por fim, o que os autores de *A Revolução do Tempo Escolhido* designaram por «abundância frugal», quer dizer, uma civilização que, continuando a garantir a todos uma autonomia e uma segurança existencial crescentes, elimina progressivamente os consumos pletóricos, que estão na origem da falta de tempo, poluição, desperdício e de frustrações, em prol de uma vida mais distendida, convivial e livre. Sendo necessário do ponto de vista da ecologia e da transformação das relações Norte-Sul pode também, ao fim de contas, tornar-se normativamente desejável. (GORZ, 2013, p.75).

Na mesma linha também Paul Lafargue, (2011) nos recorda em *O Elogio da Preguiça*, que o sistema económico capitalista que se organiza na base de uma mecanização e industrialização progressiva acompanhada por uma intensiva exploração da mão-de-obra dos trabalhadores, mais não faz do que lançar no desemprego forçado (e não no lazer) milhões de cidadãos que dificilmente podem ser absorvidos por um sistema organizado deste modo: uns tantos cidadãos trabalham até à exaustão sem tempo de lazer (apenas um breve período de descanso para retornar ao trabalho) enquanto aos outros se lhes diz que o seu tempo sem trabalho não tem qualquer valor porque não interessa ao mercado:

Todos os anos em todas as indústrias, voltam os despedimentos, com a regularidade das estações. Ao excesso de trabalho mortífero para o organismo sucede o descanso absoluto, durante dois e quatro meses; e sem trabalho não há comida. (LAFARGUE, 2011, p.43).

Se a este quadro juntarmos a ideia de que o ócio, a preguiça e o lazer são vistos como moralmente perigosos (a preguiça é mesmo um dos 7 pecados mortais), teremos completo o quadro de uma sociedade ocidental que, pelo menos desde o século XVIII, estabelece uma clivagem definitiva entre trabalho (moralmente digno) e lazer/ócio/preguiça (moralmente indigno ou pelo menos potencialmente imoral).

Lazer e ócio: dois conceitos que se cruzam e bifurcam

Para compreendermos em maior detalhe a importância das relações entre tempo, trabalho e lazer na contemporaneidade, queremos introduzir aqui um outro conceito que a tradição latina, especificamente em Espanha e já no espaço Ibero-Americano, tem utilizado nas últimas décadas: o ócio.

Com efeito, na tradição anglo-saxónica a área dos estudos do lazer tem-se desenvolvido desde os finais do século XIX até aos nossos dias em direções diferentes daquelas que os estudos do ócio têm chamado a si. Assim, e seguindo aqui a perspetiva de Doistua (2006),

(...) podemos ver a evolução paralela, mas diferenciada, de Estudos do Lazer e Estudos do Ócio. Em relação aos primeiros, analisamos o perfil que descreve o conjunto dos seus itinerários ao longo deste século, a partir da experiência do fenómeno como um problema até à sua consideração como um produto, incluindo a sua afirmação como um direito. Quanto a este último, o ócio como forma de regeneração, opera como uma forma de adaptação local do ócio como problema. O segundo itinerário, ócio como submissão, é produzido pelo deslocamento histórico, que é o primeiro período de Franco. O terceiro itinerário recupera, parcialmente, o tempo perdido com a introdução do debate teórico sobre o ócio como um direito, que penetra através da porta falsa do desenvolvimentismo dos anos sessenta. Finalmente, o quarto itinerário não elimina a tendência geral do ócio como produto, mas fica em segundo plano até meados dos anos noventa, devido ao particular desenvolvimento da transição espanhola. (...) Na última década do século XX e início do século XXI, ocorre um desenvolvimento em ritmo gradual em torno do estudo do ócio como experiência, numa dupla perspetiva quer mais humanista quer mais mercantilizada do mesmo. (DOISTUA, 2006, p.3).

Verificamos, deste modo, que o conceito de lazer tratado na tradição dos *Leisure Studies* foi evoluindo de um conceito enquanto problema para a noção do lazer enquanto produto e finalmente enquanto direito. O autor chama ainda a atenção que, do mesmo modo que para o caso do ócio, nenhuma das fases historicamente anteriores é abandonada no presente. Assim, também o conceito de ócio no contexto hispânico² passou por um conjunto de transformações em função de vicissitudes históricas muito particulares: do 'ócio-problema' passou-se a um 'ócio-submissão', depois a um 'ócio-produto' que desagua nos anos 90 do século XX numa noção de 'ócio-experiência'³, quer na direção mais humanista quer mais consumista.

² Apesar deste artigo não pretender comparar o caso Espanhol com o Português, a verdade é que as similitudes dos processos históricos de ambos os países no século XX facilmente nos permitem colocar a hipótese de o caso português acompanhar o espanhol neste domínio.

³ No âmbito deste texto, ao referir-nos aos Estudos de Ócio ibero-americanos na contemporaneidade centram-nos especificamente no Instituto de Estudos de Ócio da universidade de Deusto (Bilbao-Espanha) onde, nas palavras de Doistua «(...) a experiência do Instituto de Estudos de Ócio da Universidade de Deusto, na cidade de Bilbao, torna-se polo de referência obrigatória na análise dos Estudos de Ócio no Estado» (2006, p.35).

Em ambos os casos, conclui o autor:

Ambos, Estudos do Lazer e Estudos de Ócio, desenvolvem-se em relação ao perfil que o fenómeno do ócio adquire em cada período.

Para resumir, podemos reduzir a três as posições tomadas pela investigação e estudos em todos os sete itinerários descritos: a reflexão sobre o conceito de ócio e a sua natureza; o conhecimento das manifestações sociais do fenómeno; e a orientação para a intervenção de vários tipos, em direção ao desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. (DOISTUA, 2006, p.83).

Assim, e de acordo com o interessante estudo de Doistua os estudos de lazer de tradição anglo-saxónica acabam por coincidir no século XXI com os Estudos de Ócio, se não pela sua história pelo menos nas suas três preocupações básicas: a problematização do conceito de lazer/ócio em articulação com os conceitos de trabalho e tempo; o conhecimento das efetivas práticas sociais e culturais de ócio/lazer; e finalmente, o que poderíamos designar de políticas para o desenvolvimento do lazer/ócio.

Embora esta tentativa de articulação dos dois conceitos e das duas tradições científicas nos pareça muito bem fundamentada, parece-nos que há lugar para simultaneamente distinguir ambos os conceitos e as respetivas práticas de investigação.

Para esse efeito, utilizaremos a abordagem que Rojek (1995) faz ao conceito de *Homo Ludens*, contrapondo-o ao conceito de *Homo Faber*. Para Rojek, opondo-se à noção de que a cultura provem da racionalidade (ideia cara a Hegel), o conceito de 'play' precede toda a cultura. De resto, na linha de Johan Huizinga (1947), considera que a cultura encontra-se '*sub specie ludi*' e daí que, seguindo aquele autor, «(...) o ritual, a poesia, a música, a dança, a luta pelo conhecimento, a sabedoria e a filosofia, todas derivam do jogo [play]» (ROJEK, 1995, p.184).

Quer isto dizer que, contrariamente ao defendido pelas teorias racionalistas, a cultura provem da atividade de 'play', conceito que traduzido para o português como 'jogo' restringe muitíssimo a seu alcance. Com efeito, 'play' em inglês tanto pode ser utilizado para o jogo, como para representar uma peça teatral ou ainda tocar um instrumento. Compreende-se assim, que no contexto anglo-saxónico o termo 'to play' possa recobrir as atividades do *homo ludens*, quer dizer de todo o lazer e mesmo da cultura, vista como uma dimensão do lúdico.

Rojek (1995, p.189) define ainda quatro características de toda a atividade lúdica (o 'to play' do *homo ludens*): a liberdade (como atividade agradável cujo fim é ela própria), a imaginação (que permite desenvolver o sentido da diferença do outro e da identidade) o desinteresse (no sentido em que a prática não é determinada pelos efeitos exteriores à própria atividade) e a tensão (que remetem para o experimentar emoções, frequentemente reprimidas ou sublimadas noutras dimensões da vida).

Ora, aqui encontramos uma clivagem essencial com os estudos de ócio, sobretudo aqueles que remetem para um ócio humanista: na tradição dos estudos do lazer anglo-saxónicos não encontramos a centralidade dos conceitos de 'ócio valioso' ou 'ócio para o

desenvolvimento humano':

A partir de uma perspectiva educativa, o ócio converte-se num escopo do desenvolvimento humano em virtude do seu potencial de formação e melhoramento da pessoa e da comunidade (CUENCA CABEZA, 2004). Quando falamos de melhoras referimo-nos a melhoras humanas tais como: conseguir um maior grau de liberdade, sermos mais autónomos, estarmos mais satisfeito, sermos mais compreensivos, tolerantes solidários, etc. Um ócio que se experimenta a partir de uma vertente positiva gera energias desse mesmo sinal que o convertem em fonte de melhoria e por conseguinte, adquire um papel educativo. (CUENCA CABEZA, 2013, p.32).

Ou, de um modo ainda mais claro:

De que ócio falo?

Partindo, portanto, do reconhecimento de que se trata de uma realidade dual, eu gostaria de salientar que quando falo sobre ócio não me refiro apenas a mera diversão, ao consumo de material, ao ócio passivo ou à simples utilização do tempo livre. Refiro-me a um conceito de ócio aberto a qualquer perspectiva presente e futura, mas, ao mesmo tempo, entendida no quadro do desenvolvimento humano e dentro de um compromisso social.

Falo da experiência de ócio, gratificante e não utilitária, partindo de qualquer das suas dimensões: lúdica, criativa, festiva, ambiental-ecológica e solidária. Um ócio maduro que se caracteriza por ser próprio de cada idade, pensado e desejado, participativo, social e culturalmente amplo. Um ócio humanizante para todos e, claro, para qualquer pessoa com deficiência. Estou interessado na vivência do ócio enquanto experiência enriquecedora, gratuita e solidária. Experiência necessária da natureza humana, que nos permite restabelecer o equilíbrio físico e psíquico e nos abre as portas da criatividade, da imaginação, da utopia, da contemplação e do altruísmo. Embora existam muitos tipos de ócio, falo aqui de um ócio humanista, ou seja, um lazer em que o desenvolvimento humano está acima da fruição do dinheiro, acima do prazer e para lá da diversão.

Um ócio que realize a pessoa, capaz de integrar as suas vivências num todo unitário, com outras experiências de vida importantes. Por isso, apesar de eu abordar o assunto como uma faceta da vida humana, vejo-o interdependente e em harmonia com outros valores pessoais e sociais. (CUENCA CABEZA, 1999, p.19-20).

Pelo contrário, o *leisure* é visto como qualquer forma de 'play', quer dizer, como qualquer atividade lúdica, da considerada mais orgânica e elementar até às elaborações mais complexas da cultura (qualquer que seja o conceito de cultura de que estejamos a falar). Já a perspectiva educacional do ócio humanista coloca os estudos de ócio sob a perspectiva axiológica, que lhe permitirá, por exemplo, falar dos 'valores' (CUENCA CABEZA,

2013) associados ao ócio, bem como dos 'riscos do ócio'⁴, temática ausente das reflexões tendencialmente mais fenomenológicas e descritivas dos *leisure studies*, para quem não há um 'bom lazer e um mau lazer'.

É claro que esta é uma clivagem que bem podemos dizer ser de primeiro nível, pois de um modo mais profundo encontraremos a descrição das características das atividades de ócio muito próximas daquelas que Rojek nos refere em relação ao *leisure*. Assim, no âmbito da descrição do conceito de 'ócio humanista' Cuenca Cabeza (2000, p. 65-70) refere a 'vivência lúdica' (relacionada com a fantasia e alegria), a 'liberdade' (perceção do sujeito de que a atividade é livremente escolhida), o 'autotelismo' (um fim em si mesma e não um meio) e 'formação' (uma educação pelo ócio continuado, pluridimensional, diverso e que 'se oriente para ação positiva e criadora, evitado tanto quanto possível o espetáculo passivo' (p.70).

Em suma, verificamos que entre as perspetivas provenientes dos *Leisure Studies* e dos Estudos do Ócio humanista a divergência parece estar apenas na perspetiva axiológica que estes últimos reputam de grande importância a partir de uma perspetiva de educação e formação para o ócio. Nas restantes características, imaginação/vivência lúdica, liberdade e desinteresse/autotelismo, estamos a falar precisamente do mesmo conceito, pela que as diferenças entre um paradigma e o outro afinal não serão tão radicais como podem parecer numa análise às diferentes histórias que constituíram ambos os campos de estudo.

De qualquer modo, não podemos deixar de sublinhar que, para o 'ócio humanista' o ócio só é 'valioso' se situar a partir das dimensões mais ativas e formativas do 'play' dos *leisure studies*'. E esta é uma diferença hermenêutica, epistemológica e metodológica clara, que não pode deixar de ter impacto na investigação produzida em ambos os campos.

Uma dimensão filosófica e política para o ócio na pós-modernidade

O que pretendemos aqui destacar é uma outra dimensão para o ócio/lazer não contemplada nem pela conceptualização oriunda do paradigma ibero-americano nem aquela que tem a sua origem a partir do contexto anglófono.

Na linha do que defende Zabala Inchaurreaga no seu excelente texto «Por un ocio posmoderno [no] violento. Interpretado desde la crisis y la hermenéutica de Gianni Vattimo» (2012), uma reconceptualização pós-moderna do conceito de ócio/lazer deverá passar necessariamente pela distinção dos diversos tipos de ócio em função dos estilos de vida, das sociedades e respetivos projetos políticos que estimulam e nos quais se enquadram.

Mais especificamente e adotando a distinção de Vattimo entre racionalidade forte e débil, Inchaurreaga propõe que também o ócio possa ser classificado em ócio forte e ócio débil os quais se distinguiriam em função da (não)-violência a que estão associados.

Assim,

⁴ Este foi precisamente, em 2016, o tema do encontro das redes espanhola e latino-americana Ociogune e Otium.

O forte fortalece princípios como a racionalidade (trabalho) ou como novidade (consumo). O débil, por outro lado, a emancipação e a não-violência. (...) Trata-se, sem dúvida, de uma classificação filosófico-sociológica, pelo tipo de vida, sociedade, etc., que fortalecem ou tendem a debilitar. A classificação também tem em conta os participantes e os objetivos que se querem atingir: minorias, débeis, e o respeito, visibilidade, participação real e reconhecimento dos mesmos. Esta classificação, para além disso, também se realizaria com base num critério de interpretação ética: defesa de um conceito de ócio contextualizado, que respeite e comunique com o contexto e a cultura em que se insere. (p.268).

Ou, referindo-se ainda mais especificamente à dimensão política de um tal conceito de ócio, acrescenta: «Os ócios fortes, (...) seriam os ócios racionalizadores e consumistas. Os que ainda trabalham com conceitos metafísicos caducos. De cunho liberal» (p.269), enquanto os ócios débeis seriam emancipadores por serem «os que contribuem para um debilitamento dos princípios que contribuem para um debilitamento dos princípios metafísicos e um estilo de vida dominante, com doses de subversão» (p.268).

Verificamos assim, que na pós-modernidade poderemos ter ócios modernos ou pós-modernos. A sua distinção só poderá ser feita na base da compreensão mais profunda dos princípios e teorias em que se baseiam e que colocam em prática.

Em suma, a nossa proposta, na linha de Inchaurrega (2012), seria a de que para além da análise e conceptualização das atividades de ócio e lazer a partir das dimensões imaginação/vivência lúdica, liberdade e desinteresse/autotelismo (consensuais nas duas tradições de Estudos de Ócio / *Leisure Studies*) se pudesse acrescentar uma dimensão ética e política capaz de permitir a distinção entre 'ócio forte' e 'ócio débil', privilegiando este último.

Nas palavras de Inchaurrega (2012),

Esta classificação, no futuro, pode servir para contrastar as diferentes teorias atuais do ócio: analisar as bases das diferentes teorias atuais do ócio, com o objetivo de analisar os conceitos que as constituem e o modo de argumentar, fundamentar ou defender as suas próprias teorias; deduzir a que estilos de vida estão ligadas estas teorias do ócio ou a quais contribuem para manter, com a finalidade de encontrar formas de ócio que apostem na emancipação em relação aos ócios fortes e tratar de desmascarar teorias que ajudem a defender estes últimos ou criticá-los a partir das teorias ainda fortes/impositivas. (p.269).

Trata-se, com efeito, de um modo de pensar o ócio a partir da tradição filosófica nietzscheana, que considera as relações entre trabalho e tempo livre ou tempo de ócio de um modo que desarticula totalmente a representação moderna de trabalho que se funda na racionalidade 'forte' do sistema hegeliano (BAPTISTA & LATIF, 2016).

Na verdade, o confronto que Vattimo apresenta é o mesmo que já assistimos entre Hegel e Nietzsche a propósito da questão política do trabalho/lazer /tempo e que se encontram presentes nas reflexões contemporâneas sobre esta temática: se por um lado permanece a razão moderna que hiper-valoriza o trabalho em relação ao ócio, como única possibilidade de subjetivação (na linha da hegeliana dialética escravo-senhor), por outro lado a pós-modernidade traz outras possibilidades de subjetivação para o ócio/lazer, na linha aberta por Nietzsche, que considera que a verdadeira subjetivação não pode nascer do trabalho escravo mas do ócio do senhor.

Com efeito, esta divisão do tempo de trabalho e do tempo de lazer só se torna clara e tão abrupta desde que passamos de sociedades rurais, predominantemente agrícolas, para uma organização industrial do tempo, que desde o século XVIII Europeu passa a ser quantificado, fragmentado e tornado um bem económico e transacionável.

A verdade é que o tempo livre, o tempo de não-trabalho, só passa a ter interesse para o sistema económico contemporâneo, enquanto pode ser uma atividade também económica, estando os sujeitos eterna e constantemente convocados para participar do mercado, quer enquanto consumidores quer enquanto produtores de bens.

Têm, assim, razão os filósofos que pensaram a questão do trabalho humano, da atividade produtiva e de subsistência, por relação com o tempo de não-trabalho, mais tarde designado por lazer, ou na tradição greco-latina por ócio. Com efeito não é irrelevante se cada um de nós ocupa o seu tempo tendencialmente mais em atividades de trabalho produtivo ou de lazer. Nessa relação, não apenas quantitativa – referimo-nos ao número de horas que passamos em cada uma das atividades – mas também qualitativa (e não estamos aqui a abordar a possibilidade de um tempo que não distingue propriamente o trabalho do lazer, como acontece em muitas atividades criativas) se decide a nossa identidade, a nossa qualidade de vida, os nossos interesses, a nossa posição económica e sobretudo o nosso posicionamento político e filosófico.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. M. & L. LATIF. Unproductive Leisure and Resented Work – a Brief Incursion in Hegel (and in Nietzsche). 2016. (No prelo).

CUENCA CABEZA, M. **Ocio y Formación - Hacia la Equiparación de Oportunidades Mediante la Educación de Ocio**. Documentos de Estudios de Ocio. Bilbao: Universidade de Deusto, 1999.

_____. **Ocio Humanista - Dimensiones e Manifestaciones Actuales del Ocio**. Documentos de Estudios de Ocio. Bilbao: Universidade de Deusto, 2000.

_____. **Ocio, Recreacion para el Desarrollo Humano.** Bilbao / Cidade do México: OTIUM / Universidade YMCA, 2013.

DOISTUA, R., Ed. Introducción a la Historia de los Estudios de Ocio en el siglo XX. **Cuadernos de Estudios de Ocio.** Bilbao: Universidade de Deusto, 2006.

GORZ, A. **Bâtir la Civilisation du Temps Liberé.** Paris: Monde Diplomatique, 2013.

HEGEL, G. W. **La Phénoménologie de l'Esprit.** Paris: Aubier, 1941.

HEGEL, G. W. **Hegel's Philosophy of Right.** New York: Oxford Univesity Press, 1967.

HEGEL, G. W. **Phenomenology of Spirit.** New York: Oxford University Press, 1977.

INCHAURRAGA, Z. Z. Por un ocio posmoderno [no] violento. Interpretado desde la crisis y la hermenéutica de Gianni Vattimo. In: J. C. Amigo and J. D. N. (eds.). **OcioGune 2012** - El Ocio Trans-formado[r]. Resignificaciones y Tendencias del Ocio en Tiempos de Crisis. Bilbao: Universidade de Deusto, 2012.

LAFARGUE, P. **O Direito à Preguiça.** Lisboa: Teorema, (2011(1977)).

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência.** Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

_____. **Para Além do Bem e do Mal.** Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

_____. **Ecce Homo.** Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.

_____. **Para a Genalogia da Moral: um Escrito Polémico.** Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.

READ, J. **Contradictions at Work: The Task for a Philosophy of Labor** (with Hegel, Marx, and Spinoza). Disponível em: <http://www.unemployednegativity.com/>: <http://www.unemployednegativity.com/2013/04/contradictions-at-work-task-for.html>. Acesso em 7 abr. 2013.

ROJEK, C. **Decentring Leisure - Rethinking Leisure Theory.** London: SAGE, 1995.

Endereço para correspondência

Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
Campus de Santiago
3810 Aveiro, Portugal

Recebido em:

07/01/2016

Aprovado em:

16/04/2016

